

O homem transicional: para além do neurótico & borderline

Armony, Nahman. Rio de Janeiro: Zagodoni Editora, 2013. 239 p..

Ana Lila Lejarraga*

No mundo contemporâneo, assistimos a inegáveis mudanças nos costumes, nos comportamentos e na moral sexuais, nos valores e ideais, nas formas de parentalidade, nas certezas de outrora, etc. Sociólogos e antropólogos refletem sobre esse fenômeno, enfatizando as profundas transformações que ocorrem na subjetividade, principalmente a partir da década de 1960 do século passado. Nahman Armony, em seu novo livro, intitulado *O homem transicional: para além do neurótico & borderline*, a partir de uma perspectiva psicanalítica, dirige seu olhar clínico, atento e sensível, para pensar essas transformações subjetivas.

Armony estabelece, neste livro, uma linha de continuidade com o anterior, *Borderline, uma outra normalidade*, mas desta vez configurado como uma coletânea de artigos que teorizam sobre as características da subjetividade pós-moderna, contraposta à subjetividade moderna própria da sociedade patriarcal da época freudiana. O autor, referindo-se a variados campos do saber, como psicanálise, filosofia, cinema, arte, e lançando mão de inúmeras referências teóricas, como Freud, Winnicott, Foucault, Nietzsche, Bauman, Lipovetsky, entre outros, passeia por múltiplas questões que dizem respeito à emergência de uma nova subjetividade. Assim, Armony reflete sobre questões teóricas da psicanálise em sua íntima articulação com a sociedade atual, sobre desafios clínicos, sobre problemas éticos, propondo uma nova concepção da saúde psíquica e da clínica. O autor vai tecendo e entrelaçando ideias que já se insinuavam no seu livro anterior, desdobrando e avançando nas hipóteses, para propor, sutilmente e sem anúncios bombásticos, a aposta na emergência

* Psicanalista, membro efetivo/CPRJ, profa. associada/Instituto de Psicologia-UFRJ.

de uma subjetividade mais saudável e ética, que está além do neurótico e do *borderline*: a utopia do *homem transicional*.

Com estilo instigante e claro, enriquecido por valiosas referências a casos clínicos, filmes e outras produções culturais, Armony desenvolve suas reflexões sobre o homem pós-moderno – o *borderline* – em contraposição ao homem moderno – o neurótico de Freud. Cabe esclarecer que, se em alguns de seus textos encontramos o termo “pós-moderno” – já que foram escritos em diferentes épocas – Armony prefere, acompanhando Lipovetsky, utilizar o termo “hipermoderno”, por entender que, mais do que uma superação da modernidade, a hipermodernidade consiste numa exacerbação da mesma. A palavra “pós-modernidade”, objeto de muita controvérsia, foi praticamente aposentada, diz o autor, sendo substituída pelo termo “hipermoderno”, que reflete melhor a ideia de que a modernidade foi levada a seus extremos, produzindo radicais transformações na subjetividade.

Quando Freud teoriza sobre o homem moderno, como não podia deixar de ser, aborda a visão de mundo da época, testemunhando a violência da família patriarcal da sociedade vitoriana, cuja marca era a repressão. No contexto do paradigma repressivo, o sujeito reprime seus aspectos femininos – sensibilidade, empatia, compaixão –, seus múltiplos desejos e seus pequenos “eus”, sua espontaneidade e criatividade, produzindo-se uma dicotomia entre a mente – o intelecto – e o psique-corpo. Para atingir o modelo ideal do homem moderno – disciplinado, cumpridor de obrigações, retilíneo em sua trajetória de vida, etc. – o menino deve aceitar a castração e abandonar os modos e valores femininos, prejudicando a espontaneidade e a criatividade. Freud explica essa constituição subjetiva – neurótica – com a teoria edípica, em que a repressão externa, dura, exercida pela figura paterna, torna-se recalque do desejo edípico e da matriz materno-infantil, tendo como herdeiro um superego cruel e implacável. O superego é garantia da segregação da matriz materno-infantil e do feminino. Assim, no neurótico normal – modelo do homem moderno – as características femininas são vistas como fraquezas, valorizando-se a objetividade e o intelecto. A subjetividade neurótica se caracteriza por obediência, disciplina, ordem, rigidez e pelo pensamento dicotômico, que separa razão e emoção, sujeito e objeto, etc. O mal-estar do homem neurótico reside na impossibilidade da plena satisfação pulsional e na inevitável renúncia aos desejos, já que sua subjetividade funda-se na repressão/recalque e na obediência a um superego cruel e desapiedado.

A partir da segunda metade do século passado, a família patriarcal entra em declínio e a figura paterna perde parcialmente seu poder, produzindo-se

“um vácuo (que) ainda está em processo de elaboração” (p. 93). A autoridade do pai perde sua força, diluindo-se as identificações com a figura paterna e a severidade do superego. O capitalismo de acumulação cede lugar ao capitalismo de consumo, de forma concomitante a um colossal desenvolvimento tecnológico que possibilita, entre outros efeitos, novas formas de comunicação e sociabilidade. Ao mesmo tempo, ocorre a revolução feminista e sexual, provocando profunda mudança nos comportamentos e na moral sexuais, entrando em decadência valores e ideais do mundo moderno. Desse modo, transforma-se radicalmente a subjetividade neurótica teorizada por Freud.

Segundo Armony, encontramos, no mundo hipermoderno, em contraposição à excessiva repressão da modernidade, uma permissividade excessiva, que dificulta as identificações com as figuras parentais e a internalização de um superego forte, ficando o homem atual sem referências sólidas, à deriva, com suas “valências identificatórias” em aberto.

Armony lança mão das teorias de Winnicott e da categoria de *borderline* para pensar a subjetividade contemporânea. O autor afirma que, da mesma forma que o neurótico é paradigma do homem moderno, podemos considerar o *borderline* como paradigma do homem hipermoderno. E assim como Freud entendia que havia neuróticos patológicos e neuróticos “normais”, também é possível considerar que há *borderline* patológicos e “normais”. Vejamos.

O processo básico constitutivo do *borderline* não é a repressão e o recalque, como era no neurótico, mas a cisão. Como esclarece o autor, não se trata de processos excludentes, já que os dois processos são constitutivos e universais, mas enquanto no neurótico predomina o recalque, nos *borderline* predomina a clivagem. Devido à clivagem, convivem aí, lado a lado e mantendo-se acessíveis à consciência, variados aspectos da personalidade: razão e emoção, modos de ser masculinos e femininos, múltiplos “eus” e desejos, onipotência e limites, etc.

O contato com outras subjetividades é, nos *borderline*, empático e poroso, já que não predomina o recalque nem se formam fronteiras rígidas. O *borderline*, com facilidade, estabelece contato afetivo com o outro, permitindo entrada e saída de afetos e fantasias. Essa porosidade, que Armony denomina “identificação dual-porosa”, funciona não só em relação a outras subjetividades, como também em relação com o próprio mundo interno. Assim, os *borderline* mantêm contato fluido e permeável com o próprio inconsciente, podendo ser espontaneamente criativos.

Como carece de firmes identificações, mantendo abertas suas “valências identificatórias”, o *borderline*, de forma substancial, necessita e depende da

aprovação do ambiente. Quando essa aprovação não acontece, o sentimento é de vergonha, pela insuficiência. Desse modo, a cultura da culpa – marca do mal-estar da modernidade – é substituída pela cultura da vergonha, própria do homem hipermoderno.

No *borderline*, a onipotência não é reprimida como no neurótico, mas se mantém cindida, permanecendo como uma “onipotência mitigada” (p. 86), que pode ser fonte de grandes realizações e conquistas. Entretanto, quando fracassam os planos onipotentes, emergem sentimentos de impotência e depressão, nosso homem hipermoderno oscilando entre a exaltação e o abatimento. Da mesma forma, a porosidade do *borderline*, que provoca alegrias pela facilidade do contato com outras subjetividades, também pode ocasionar intensos sofrimentos, já que esse contato é fluido e com limites frouxos.

O homem hipermoderno – o *borderline* “normal” – pelo declínio da autoridade paterna e pela fraca identificação com as figuras parentais, forma não um superego severo, mas, ao contrário, um superego frouxo e um ideal de ego confuso. Desse modo, a precariedade da referência parental e a excessiva permissividade do mundo atual provocam no sujeito hipermoderno uma nova forma de mal-estar: ficar solto no mundo, à mercê de múltiplos desejos, confuso pelo excesso de ofertas de consumo, disperso e fragmentado.

Armony retoma, neste novo livro, sua distinção entre *borderline* brando, ou “normal”, e *borderline* pesado, sabendo que os traços próprios da personalidade *borderline* (cisão, onipotência mitigada, porosidade, atuações, suscetibilidade, etc.) podem tanto produzir severas dificuldades e sofrimento, quanto expressar saúde psíquica e riqueza de personalidade. Assim, a saúde e a normalidade deixam de pertencer ao campo da neurose. No mundo contemporâneo, afirma o autor, a normalidade neurótica está sendo substituída pela normalidade *borderline*. Essa constatação, que já era parcialmente teorizada no seu livro anterior, *Borderline, uma outra normalidade*, vai ter novo desdobramento ou, como Armony diz, um “ponto de virada”. A normalidade contemporânea não se encontra nem na neurose nem na psicose, consistindo “num misto” de processos neuróticos e *borderline*, nos quais coexistem cisões, recalques benignos, porosidade, onipotência mitigada.

Desse modo, as reflexões sobre a subjetividade hipermoderna conduzem o autor a propor a utopia do Homem Transicional, que habitaria de forma predominante o espaço potencial, afirmando sua criatividade e singularidade. Essa aposta numa subjetividade mais saudável e ética, diz respeito tanto à clínica quanto ao social. Nas palavras do autor: “Uma utopia que privilegia o acolhimento, a colocação delicada e sensível de limites, a compreensão da sub-

jetividade alheia e da própria, o comprometimento com uma ecologia humana ética” (p. 114). Sempre de mãos dadas com Winnicott, Armony reflete sobre uma ética do *holding* e do cuidado e, acompanhando os teóricos da intersubjetividade, propõe uma “ética da igualdade hierárquica no campo intersubjetivo” na clínica psicanalítica (p. 149). O autor nos acena, assim, com a perspectiva de uma nova clínica e com renovadas possibilidades éticas e criativas que comecem a se vislumbrar nas subjetividades hipermodernas.

Sem deixar de apontar o sofrimento e o mal-estar atuais, mas contrapondo-se às visões nostálgicas e catastróficas do homem contemporâneo, Armony enfatiza seus aspectos positivos, apostando na emergência de uma subjetividade mais livre, que não abre mão de sua singularidade e criatividade, mais ética e saudável.

Escrito em linguagem simples e acessível, o livro *O homem transicional* se dirige não só a psicanalistas ou profissionais das ciências humanas, mas também a todos aqueles que se interrogam sobre as transformações do mundo atual. A riqueza e originalidade das análises de Armony trazem frescor e renovação ao pensamento psicanalítico tradicional, tornando imperdível a leitura deste livro para refletir sobre a subjetividade contemporânea e sobre a psicanálise no século XXI.